

## É TUDO CULPA DO MEU SIGNO: A ASTROLOGIA COMO MANIFESTAÇÃO DE MÁ-FÉ

*Débora Fátima Gregorini<sup>1</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo objetiva relacionar a prática da astrologia com o conceito de má-fé proposto por Jean-Paul Sartre. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca da presença da astrologia na história bem como sobre os postulados sartrianos pertinentes ao entendimento da má-fé. Mediante a presença da astrologia na contemporaneidade tal pesquisa se justifica por sua atualidade e pela manutenção necessária do questionamento relativo aos movimentos existenciais e da análise da realidade humana. Para melhor compreensão da analítica utilizada na vinculação astrologia e má-fé este estudo se apresenta no formato de ensaio, introduzindo brevemente a presença da astrologia na história, e abordando conceitos existencialistas congruentes à análise proposta, embasados em obras de Sartre e estudiosos de seu pensamento.

**Palavras-chave:** Má-fé; Liberdade; Angústia.

**RESUMEN:** Este artículo pretende relacionar la práctica de la astrología con el concepto de mala fé propuesto por Jean-Paul Sartre. Para eso, se realizó una investigación bibliográfica sobre la presencia de la astrología en la historia así como sobre los postulados sartrianos pertinentes a la comprensión de la mala fé. A través de la presencia de la astrología en la contemporaneidad, dicha investigación se justifica por su pertinencia y el necesario mantenimiento de los cuestionamientos relacionados con los movimientos existenciales y el análisis de la realidad humana. Para una mejor comprensión del análisis utilizado en la vinculación de la astrología y mala fé, este estudio se presenta en forma de ensayo, introduciendo brevemente la presencia de la astrología en la historia y abordando conceptos existencialistas congruentes con el análisis propuesto, basado en los trabajos de Sartre y estudiosos de su pensamiento.

**Palabras-clave:** Mala fé; Libertad; Angustia.

### Introdução

O texto que se segue tem como objetivo apresentar a possibilidade de classificação da prática da astrologia enquanto tentativa de definição da subjetividade humana, e, portanto, como uma manifestação daquilo que Jean-Paul Sartre (2013) caracterizou como má-fé: a tendência humana de relegar a outrem a tarefa de justificar sua existência, atribuir sentido à sua vida e motivações às decisões tomadas por cada um ao longo de sua história pessoal. Com efeito, para delinear o entendimento da utilização dos postulados astrológicos como fonte de acesso à personalidade de alguém, iremos construir uma breve apresentação da relação do ser humano com a astrologia ao longo

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica (CRP 08/30961) e mestranda pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo-PR, Brasil. Correio eletrônico: [deboragregorini@hotmail.com](mailto:deboragregorini@hotmail.com).

dos séculos. Em seguida, serão apresentados elementos do pensamento sartriano que possibilitam maior compreensão de seu conceito de má-fé. Com isso, busca-se poder mostrar que a astrologia figura entre as maneiras encontradas pela humanidade para compreender a própria existência, e assim, encontrar conforto quanto à responsabilidade de construir-se livremente.

O que motiva tal empreitada é a presença ainda marcante da astrologia no século XXI, mesmo dentre jovens que se consideram ateus. Tem-se a hipótese de que em alguns cenários a astrologia toma o lugar anteriormente ocupado pelas religiões: uma fonte de respostas para o modo de agir dos seres humanos, algo que possa explicar por que somos como somos, construindo um certo artifício que definiria de antemão uma personalidade a ser manifestada em cada pessoa de acordo com o seu mapa astral. Nesse sentido, é cabível apresentar uma vez mais a tese sartriana de que não há essência e nem natureza humana, e de que somos unicamente aquilo que fazemos de nós mesmos.

### **Astrologia**

Na trajetória da história da humanidade não faltam capítulos que retratem a relação do ser humano com pensamentos místicos, mágicos e religiosos nos quais buscava-se entender a origem do homem, seu papel no mundo e o funcionamento do universo. Tal busca por entendimento da sua própria história faz com que a humanidade perpassasse pensamentos políticos e metafísicos na tentativa de se apropriar de leis da natureza, do funcionamento do cosmos e das forças que não conseguem controlar (REZENDE, 2014). Dentro desse movimento, surge nos primórdios da sociedade e do pensamento crítico a astrologia. Filósofos como Ptolomeu já apontavam os movimentos celestes como fatores relacionados à vida humana. É sabido que na antiguidade o homem se utilizava de narrativas mitológicas para explicar os fenômenos da natureza, e também do comportamento humano (CASTRO, 2008), neste sentido era comum que fossem feitas observações do céu e das estrelas em busca de respostas para alguns questionamentos. A partir da observação celeste o homem embasa mapas, calendários, relógios e sistemas astrológicos. Nesse sentido, para além da construção de mapas para navegação, cria-se com a observação dos astros um mapa para o comportamento do homem, (MACHADO, 2006).

A conceituação do termo astrologia é compartilhada nas mais diversas culturas como uma correlação do homem com os astros, a partir de uma concepção geocêntrica do universo - uma vez que a astrologia considera o planeta Terra numa posição central no universo com os corpos celestes ao seu redor -. Com base neste esquema, as sociedades buscavam perceber as influências destes astros nos fenômenos inerentes à vida terrestre diante de algumas decisões importantes que eram tomadas levando em consideração a interferência dos astros na vivência humana (SILVA, 2018). Há milênios

a astrologia tem sido praticada em todas as sociedades humanas nas mais diversas formas. Perpassando a história das civilizações ocidentais e orientais, desde o primeiro grupamento humano até os dias atuais não há uma única civilização na qual pelo menos um homem não tenha olhado para o céu em busca de respostas ou orientações para o seu cotidiano (MACHADO, 2006).

A ciência dos astros, como fora chamada a astrologia, aparece em várias civilizações no ocidente e no oriente. Nos tempos helênicos, disseminava-se uma visão de mundo sob o fatalismo astral, onde a magia, o esoterismo e a astrologia se popularizavam e atraíam o interesse de alguns filósofos, como os estoicos (REZENDE, 2014). “De imediato, a ideia de Fatalidade nos remete às noções estoicas de Heimarmenê (destino, lei necessária que rege as coisas) e Ekpyrosis (conflagração universal que ocorre quando os astros voltam a uma mesma posição do início, ocasionando uma destruição) (REZENDE, 2014, p.378)”.

A aspiração da astrologia em abarcar todas as situações do viver humano não tinha nada de místico nos séculos XVI e XVII, Keith Thomas (apud REZENDE, 2014, p. 386) aponta que na época “a astrologia era parte da imagem que o homem culto tinha do universo e de seu funcionamento.” Assim era tida como uma imagem do mundo compartilhada por grande parcela da população, necessária para o entendimento do homem e parte constituinte da estrutura intelectual na qual os homens eram educados (REZENDE, 2014). A partir do século XIII, em universidades europeias, a astrologia era lecionada junto com a medicina, pois acreditava-se que só assim era possível haver uma compreensão total do homem. Foi neste cenário que Copérnico desenvolveu a teoria heliocêntrica e Galileu Galilei apontou seu telescópio para o céu mostrando que a Terra não é o centro do universo, dando início à queda da astrologia e da cosmologia como era tida até então (HAWKING, 2015).

A partir daí a astrologia caiu em ostracismo e fora marginalizada, misturando-se com outras teorias e saberes para sobreviver. Atualmente conhece-se a astrologia através dos signos e do mapa astral, obtidos mediante medições feitas com o sistema de coordenadas terrestres e celestes (MACHADO, 2006).

### **Signos do zodíaco e mapa astral**

O sistema astrológico tido na atualidade engloba coordenadas astronômicas e reflexões acerca da humanidade, sendo organizado através dos signos e de símbolos como casas, planetas, ascendentes e elementos em um mapa astral, que indica a posição de cada elemento da astrologia em relação a cada sujeito em dado local e horário (geralmente o de nascimento), apontando reflexões e características únicas (SILVA, 2018). Os elementos da natureza sobre os quais são categorizados os

signos, ar, terra, fogo e água englobam vícios e virtudes, gerando temperamentos. Apontando assim como será o humor dos indivíduos de cada signo, de acordo com o elemento ao qual ele pertence, indo da cólera à irresponsabilidade, melancolia e calma (COSTA, 2007). O sistema de coordenadas celestes eclípticas é utilizado nas medições astronômicas para definir a posições dos astros no céu em relação à Terra usando as coordenadas de latitude e longitude eclípticas e tendo como eixos a eclíptica e o círculo horário (MACHADO, 2006). Observam-se faixas eclípticas onde são encontrados os astros, em constelações ao longo da faixa onde move-se o Sol. A Lua e os planetas receberam uma importância primordial. Doze constelações foram identificadas e são conhecidas na atualidade como os doze signos do Zodíaco (SIMÕES & FERNANDES, 2000).

Os signos correspondem a divisões da eclíptica, que constitui um cinturão virtual onde ocorre o observado trajeto do Sol ao redor da Terra. Para a astrologia, essa faixa, como um todo, manifesta o poder gerador solar e foi decomposta em doze setores distintos – os signos – que passaram a figurar como manifestações particulares desse poder solar (COSTA, 2007 p.42).

Arroyo (2011) assevera que a astrologia é a arte de combinar a energia de elementos, casas, planetas, aspectos e signos. Tais fatores podem ser combinados através de uma experiência indicada por um dado planeta que é invariavelmente afetada pela qualidade do signo no qual este planeta se localiza no mapa astral do sujeito. Tal combinação resulta em um impulso de autoexpressão único. Há ainda uma necessidade de realização particular com a qual a pessoa irá se deparar de maneira mais imediata na área de experiência indicada pela casa ocupada pelo planeta em questão em seu mapa natal. E, por mais que este impulso energético para expressão ou atualização de uma dimensão da experiência esteja presente em todas as pessoas de uma mesma combinação planeta-signo, outros aspectos do mapa desvelam o grau de harmonia e facilidade com que cada sujeito consegue expressar o impulso ou satisfazer a necessidade apresentada por cada corpo celeste.

### **(Re) Ascensão da astrologia**

O Zaratustra de Nietzsche declarou “Deus está Morto”, e, com isso, aponta para a queda da centralidade da Igreja na sociedade humana, e por consequência à morte divina, há a morte do homem como criatura em relação à um criador (NIETZSCHE, 2011). Todavia, o que se tem com a derrocada da religiosidade como centro da vida do homem não é a transvaloração dos valores e a obtenção do além-homem, esperada pelo filósofo, e sim, na contemporaneidade há a substituição da ideia de divino, do “Deus quis assim” por teorias da Nova Era.

É no cenário de desvalorização da religiosidade que outras práticas que buscam dar algum sentido para a existência humana ganham espaço, a astrologia e o esoterismo, o endeusamento da

natureza e a sacralização da “Mãe Terra” possuem valor em uma sociedade que sem um deus para lhe impor uma moralidade se vê necessitada de novos ícones e de novos fatalismos onde pudessem ancorar-se na ausência de questionamentos e responsabilidades. O abalo sofrido pelas religiões institucionalizadas é marco de uma crise moderna onde tensões foram geradas em sociedades contemporâneas envolvendo sistemas totalizadores de sentido ou religiões estruturadas como o cristianismo (SANTOS, 2012).

A ascensão das culturas divinatórias manifesta-se especialmente entre os jovens que possuem uma necessidade de pertencimento a algo maior e uma visão da astrologia como uma verdade perdida, um conhecimento revolucionário onde há a esperança de um novo mundo (MORIN et al, 1972). Práticas esotéricas são vistas como um conhecimento essencial que só pode ser atingido por meio de artifícios apropriados e acessível apenas aos iniciados em tais técnicas (GUERRIERO, 2016), tendo assim uma conotação de sabedoria transformadora, detentora de uma realidade pouco acessada, renegada pelo sistema, e ainda como um espaço onde é possível construir uma ponte entre indivíduo e sociedade, numa construção de sentido de existência (SANTOS, 2012).

Há com a Nova Era um retorno da valorização de mitos. Não é mais a história política e social que prevalece, e sim o destino, sociabilidade e uma espécie de pacto. Havendo um novo modo de se relacionar com o mundo e com a natureza, numa cristalização do tempo e espaço e na perda da liberdade do homem (SANTOS, 2012).

### **A existência precede a essência**

Jean-Paul Sartre foi um filósofo existencial francês que marcou o século XX. Uma das máximas de sua filosofia é: “A existência precede a essência” (SARTRE, 1970, p. 04). Com essa afirmação o filósofo aponta o homem como responsável por construir sua essência, uma vez que esta não estaria pré-definida, pois não há um deus criador que possa tê-la inserido no âmago de cada ser, outrossim não há natureza humana ou qualquer ideia de sentido da existência do homem dado a priori; o homem é apenas aquilo que faz de si ao longo de sua vida (SARTRE, 1970).

O pensamento sartriano postula a existência de dois tipos de ser: o ser *Em-Si* cuja essência é definida antes de sua criação por aquele que o cria - nesta categoria estão objetos como uma mesa ou uma cadeira, que são projetadas e criadas para servir a um determinado propósito. - o ser *Em-Si* é o que é. E, em contrapartida há o ser *Para-Si* que é a consciência e o existir humano. O para si não possui essência prévia, não possui destino ou uma natureza pré-definida. O ser *Para-Si* é possibilidade de ser, é vir-a-ser. Sua essência é construída a partir do seu existir, portanto, a existência precede a essência. O homem nada mais é além daquilo que constrói para ser (SARTRE, 1970) [...] “o Para-Si,

ao surgir, apenas existe, descobre-se no mundo, vazio, uma total indeterminação de si mesmo. No começo, não é nada - apenas uma ‘possibilidade de ser’” (PERDIGÃO, 1995, p.90).

O homem concebido pelo pensador existencial não cabe em definições, pois a princípio não é nada; após existir no mundo o *Para-si* será alguma coisa, e será aquilo que fizer de si mesmo. Não há sapiência no céu, o homem é apenas aquilo que projetar ser. Significa dizer que primeiramente o homem é lançado ao mundo, e após estar neste mundo irá formar sua essência a partir das escolhas que fizer para sua vida, tal afirmação fala da gratuidade da existência humana. Com efeito, se a existência precede a essência, não há uma referência de natureza humana dada e definida que possa ser utilizada para justificar qualquer ato ou decisão dos homens. Não há determinismo, o homem é livre (SARTRE, 1970).

Posta tal afirmação, Sartre (1970) aponta a ausência de um Deus criador que tenha definido o caráter humano, assim refuta qualquer tipo de determinismo do que seria a essência humana, um conjunto de características ou aspectos inerentes à humanidade. De acordo com o aqui supracitado e o conhecimento popular que se tem acerca da astrologia, esse conjunto de energias de elementos celestes teria um papel determinante da natureza de cada homem, ainda que não defina ou limite uma essência única para a humanidade a astrologia monta modelos de quem seria o homem antes de que ele próprio construa seu ser. A partir do momento do nascimento seu mapa astral estaria montado de acordo com o que já fora posto pela teoria astrológica das posições dos astros, e a partir deste mapa natal poderia se ter a ideia de como se daria o comportamento e a personalidade desse ser que acaba de chegar ao mundo. Ainda que sejam inúmeras as influências e combinações de elementos possíveis, a teoria astrológica não permite ao homem criar uma nova vida que não se faça com os materiais já previstos em seu mapa natal, e assim acabaria por cercear a liberdade ontológica do ser.

Ainda em sua obra *O Existencialismo é um Humanismo*, Sartre (1970) afirma que há no *Para-si* o desejo de nascer fadado a ser herói ou fracassado, uma vez que assim seria possível usar desta predeterminação para apontar as causas de seus erros e acertos na vida, bem como tranquilizar-se com a certeza de que não precisaria de grandes esforços, haja vista que nascera herói, ou que de nada adiantaria esforçar-se, já que está fadado ao fracasso. Cabe mencionar a astrologia como um princípio norteador, onde através do que já foi determinado pelas posições celestes seria possível prever, ou minimamente notar uma tendência de ser herói ou covarde na vida, indo assim em direção à vontade do homem de negar sua liberdade.

## O homem está condenado a ser livre

“Estamos sós e sem desculpas”, é o que afirma Sartre (1970). O homem está condenado a ser livre, essa é a condição ontológica da humanidade: a liberdade. Vista numa primeira impressão como uma dádiva, a liberdade para o existencialismo assemelha-se tanto à um presente quanto à um fardo. Por não ter sido criado por outrem e assim não possuir uma essência prévia, o homem é livre para criar o propósito de sua existência, e esta liberdade lhe é imposta assim que ele é lançado ao mundo, sendo imposta em conjunto a responsabilidade pela própria existência. Ao ser lançado ao mundo o homem torna-se responsável por suas escolhas, ações e por construir-se (PERDIGÃO, 1995).

Importa salientar a natureza desta liberdade, outrora vulgarmente entendida como a possibilidade de ação pura, onde seria viável a qualquer ser realizar aquilo que bem entendesse; a liberdade sartriana, diferente desta ideia de liberdade de ação, diz do poder de significação, onde o *Para-Si* é capaz de singularmente significar cada parte de sua vivência e da forma como coloca-se no mundo e nas relações consigo e com o outro. Toda liberdade se dá situada na realidade objetiva, e, portanto, a livre escolha de minha consciência não pode me fazer alto se for baixo, negro se for branco ou movimentar-me além dos meus limites (SARTRE, 2013).

A verdadeira liberdade não é a liberdade de obtenção, mas a liberdade de eleição. Ser realmente livre não é obter-se necessariamente o que se quer, mas determinar-se a querer por si mesmo: a liberdade humana está na autonomia da escolha. Não consiste em poder fazer o que se quer, mas em querer fazer o que se pode (PERDIGÃO, 1995, p.89).

A liberdade ontológica do existencialismo está longe ainda do conceito cristão de “livre arbítrio”, que postula que o homem possui a dádiva de sentir-se livre interiormente, independentemente de sua condição de vida. Tal conceito conduz ao conformismo, uma vez que não haveriam razões para tentar mudar a vida social, pois o homem possui sua liberdade, mesmo sendo explorado. A liberdade em Sartre não propõe que um escravo seja livre apenas por pensar que é, ou por escolher ser, contudo, este mesmo homem cativo é livre para agir desta ou daquela forma e para significar a sua existência (PERDIGÃO, 1995).

Atrelada à liberdade está a responsabilidade do homem por suas escolhas. Não havendo um criador de propósitos para a vida humana a priori de seu real acontecimento no mundo, não há criaturas nas quais o homem possa depositar a responsabilidade por ser quem é. A noção de integralidade do homem e de intencionalidade da consciência, onde afirma-se que homem e mundo são correlatos, e que os fenômenos existem na medida em que há uma consciência que os percebe (SILVA, 2009), em concordância com a fenomenologia de Husserl, o pensamento sartriano desmonta

a ideia de uma causalidade psicológica, indo contra o psicologismo puro onde acreditava-se que processos mentais ou sentimentos poderiam ser causadores de comportamentos. Assim, sob a égide existencialista não considera-se que exista uma paixão arrebatadora capaz de conduzir o homem a determinados atos, bem como não concebe-se que o homem possua o auxílio de algum sinal que lhe oriente para a ação, pois ainda seria o próprio homem quem decifraria tal sinal da maneira como lhe parecesse correta, em concordância com suas intenções e projeto existencial, igualmente é o próprio homem quem se apaixona e age livremente com vistas a um fim (SARTRE, 1970; PERDIGÃO, 1995).

O homem nada mais é do que o conjunto de seus atos, e além de responsável por si é também responsável por toda a humanidade. A partir do momento que cria seus valores e escolhe o que é bom para si o homem escolhe o que é bom para todos. “De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser” (SARTRE, 1970, p.5). Posto isso tem-se ideia da magnitude da responsabilidade do homem sobre suas escolhas e seu modo de se colocar no mundo, reverberando em sua existência e na de toda a humanidade. Esta responsabilidade resulta na angústia de estar arremessado em um mundo sem valores estabelecidos. A angústia torna-se presente quando o homem percebe que não tem a quem recorrer para orientar suas decisões e mostrar-lhe como se colocar diante do outro, do mundo e de si mesmo (PERDIGÃO, 1995).

### **Angústia**

A descoberta da liberdade ao contrário do que pode parecer não é de todo aprazível e traz consigo a angústia. “[...] é na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesma em questão (SARTRE, 2013, p.72). Perdigão (1995) aponta para duas principais formas de manifestação da angústia advinda responsabilidade por criar-se: temporal e ética. Ao referir-se à angústia temporal, o autor afirma que o homem é tido como separado daquilo que foi no passado e do que será no futuro, não obstante, é impelido a criar-se a todo o instante. Por ser livre o homem não é determinado pelo seu passado e não pode no hoje vislumbrar quem será no futuro de maneira exata, uma vez que este não está dado e encerrado. É preciso considerar a simultaneidade da existência com o outro. O *Para-Si* constrói-se na relação com o outro e com o mundo, outrossim, não há a possibilidade de prever o futuro para então decidir no presente quem cada um será (GONÇALVES, JR, 2005). O movimento da vida segue a dialética da construção, desconstrução e reconstrução do ser, é na espiral dos acontecimentos universais da relação com o

outro em consonância com a significação singular e individual do para si que este se faz a todo o instante (SARTRE, 1960). A angústia ética está atrelada à construção de valores, constatada a liberdade humana surge a noção de que códigos morais existem apenas porque os homens os criaram. A vida do homem é permanente movimento de escolha, a todo instante é preciso optar por um valor ou conduta e a angústia vem por não ter a quem recorrer para orientar estas escolhas. Logo, não há qualquer indicativo que aponte como deve-se agir em cada situação ou aspecto da vida, nada além da liberdade do homem e sua livre decisão justifica a adoção de um valor em detrimento de outro (PERDIGÃO, 1995).

O único fundamento da existência do homem é a liberdade. Não há imposições éticas, sentimentais ou influências externas ou internas, é apenas o homem quem constrói seu conjunto de valores. A intencionalidade da consciência de cada ser, bem como sua significação de si e do mundo são as influências para a sua noção de certo e errado, influências estas construídas por e na vivência do ser no mundo. “Sou eu quem dá sentido às coisas, que me proíbe disso ou daquilo, que considera isso significativo e aquilo não, etc. Os valores dependem de mim e são aquilo que eu houver decidido que sejam [...]” (PERDIGÃO, 1995, p.113).

Perante essa angústia o homem se vê diante da possibilidade de negar sua liberdade utilizando-se de artifícios como a religião, destino, e previsões astrológicas com os quais poderia dividir a responsabilidade e a angústia vindas com o criar-se.

### **A má-fé sartriana**

O homem por ser livre é angústia. É no esforço de mascarar a angústia que se busca negar a liberdade humana, e assim o homem faz de si enganador e engando na tentativa de crer que não é totalmente livre ou responsável por seus atos. De modo geral há na humanidade a tendência de negar-se como ser livre, Sartre, aponta a existência de “ídolos explicativos de nossa época”: deus, o inconsciente freudiano, religiões e crenças como a astrologia como artifícios que o homem usa na tentativa de sufocar a liberdade para então se livrar da angústia e da responsabilidade por sua vida (PERDIGÃO, 1995). “Por certo, para quem pratica a má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável” (SARTRE, 2013, p.94).

Há na prática da má-fé uma conduta de autoengano e auto defesa. Ao passo em que a consciência engana a si própria na má-fé, há a proteção do ser da angústia patológica que pode resultar de um confronto direto com os ideais da finitude e da liberdade. Ver-se como inteiramente responsável por si e por sua própria construção, pode gerar sofrimento ímpar e ser paralisante. Frente à gratuidade da existência e à certeza de seu fim sem que este signifique o cumprimento de uma

missão, a realização de um destino ou a materialização de um sentido pré-concebido o homem angustiado procura encontrar vias que lhe auxiliem na continuidade de seu existir. O para si é tão livre ao ponto de criar meios de tolher, ainda que de maneira enganosa, sua própria liberdade. Não se é livre para deixar de ser, contudo, se é livre o suficiente para negar a liberdade (SARTRE, 2013).

Negando-se como livre o homem tenta colocar-se como ser *em-si*, como um objeto encerrado, afirmando “ser o que é”. A problemática da má-fé está nela constituir um tipo de fé, uma crença onde a consciência torna-se ao mesmo tempo enganador e enganado, onde esconde-se de si mesmo a verdade da liberdade do homem enquanto crê-se que se é algo pronto e encerrado, onde para o ser envolvido não há a intenção de enganar, visto que toma aquilo por verdade (SARTRE, 2013). Em algumas crenças como a astrologia há o conforto de ter um arquétipo de personalidade para seguir de acordo com o que aponta o mapa astral, e assim como se pode usar as características por ele definidas como um padrão de personalidade a se construir – construção que se dá de maneira não reflexiva, baseada nas tendências apontadas por descrições e previsões astrológicas – divide-se com os corpos celestes e suas posições a responsabilidade por seus atos e escolhas.

Tal “essência imutável” nos dá a ilusão de solidez e permanência, a ideia de possuímos uma “alma”, um “caráter” estabelecido, um “destino” prefixado, contra os quais nada podemos fazer. Somos apenas vítimas de uma sorte já lançada e irremediável, de um determinismo orgânico ou psicológico, e já nascemos da maneira como temos de ser. Se nascemos covardes, façamos o que fizermos, não fugiremos desse estigma (PERDIGÃO, 1995, p.116).

Contestando a liberdade do homem e indo contra evidências advindas com o pensamento crítico, a ciência e até outras doutrinas, a crença se afirma mais ainda, não sendo nada além de crença (SARTRE, 2013). Dessa maneira se dá a prática da astrologia, onde aquele que nela acredita ao ser questionado sobre as singularidades de cada indivíduo ou comportamentos que fujam às tendências previstas no mapa astral cria novos esquemas tentando de alguma maneira abarcar outras possibilidades de ação, afirmando que ainda que pareça que o homem é livre e possa agir de maneira distinta ele estará vivendo de acordo com o que está previsto para ele, como ser finito que não possui escolha. Contudo, é preciso estar ciente de que mesmo ao não escolher, faz-se uma escolha. Ainda que se viva de acordo com o que postula uma crença seja ela astrológica, religiosa ou a crença de ser herói ou covarde, escolhe-se viver de tal maneira, ainda que eu afirme que o outro escolhe por mim, sou eu quem escolho seguir o que ele escolheu (SARTRE, 1970), com efeito, ainda que eu aja de acordo com as tendências de meu signo sou eu quem escolho a maneira pela qual estas tendências se concretizam na minha ação. Colocando-se como encerrado em um conjunto de características previamente postas o homem busca dissimular o fato de que colocar-se no mundo de dada maneira é

uma escolha que ele fez, e mais do que isso, escolhe novamente a cada dia, reafirmando seu projeto de existir (PERDIGÃO, 1995).

Interessa frisar que a má-fé difere da mentira. Para mentir é preciso que haja um enganador, um enganado e a verdade que se quer dissimular; não há uma intenção cínica de mentir no movimento de má-fé, tampouco um sábio preparo de conceitos enganadores. A premissa do ato de má-fé é a tentativa de fugir do que não se pode fugir, fugir da liberdade ontológica do *Para-si*. Há no movimento de má-fé a busca pela desagregação do ser, onde o *Para-si* tornaria-se *Em-si* dado e encerrado (SARTRE, 2013).

Mas essa própria desagregação é por ela negada, tal como nega ser ela mesma de má-fé. Ao fugir pelo "não ser-o-que-se-é" do *Em-si* que não sou, à maneira de ser o que não se é, a má-fé, que se nega como má-fé, visa o *Em-si* que não sou, à maneira do "Não-ser-o-que-não-se-é" (SARTRE, 2013, p. 118).

Agir em má-fé é um risco da consciência, contudo, há que se lembrar que ainda é o próprio homem quem se coloca em tal situação. Somos livres ainda que não queiramos ser, não somos livres somente para deixarmos de ser livres (SARTRE, 1970). Como livres também somos únicos, não existindo essência humana pré-determinada não existe natureza do homem, assim não existe ainda um mapa para o ser e agir do homem como atesta a astrologia, não há previsões de comportamento ou tendências a sentimentos e escolhas, há apenas a liberdade para ser e se construir. Seguir os preceitos da astrologia é negar a capacidade do homem de vir-a-ser e de se fazer, pois há uma negação da liberdade humana e, minimamente a liberdade de se construir estaria cerceada pelas tendências preditas em seu mapa astral.

Neste sentido, a prática da astrologia representa a conduta da Autodefinição Reflexiva, uma das condutas de má-fé, descritas por Castro (2006). Na autodefinição, o homem atribui significado a ele mesmo, onde a consciência forma um juízo de ser sobre si, eliminando a possibilidade de ser, vinculando-se às representações que se limitam a ser o que são, exemplificada quando alguém, ao ter uma atitude de sensibilidade, afirma o ter feito por ser do signo de peixes o que já pressupõe que seja uma pessoa sensível. Perdigão (1995) corrobora com tal pensamento ao apontar que dessa maneira o homem que age de má-fé passa a atuar como uma criança grande que supões que todas as coisas já foram vistas e classificadas por outras pessoas, aceitando passivamente os sistemas de valores criados por outrem. Não se percebe assim que está sendo ratificado o molde de sociedade do passado e que o significado das coisas deriva da liberdade; prefere-se captar os valores como vindos de um mundo exterior, culpando fatores externos por suas ações com afirmações como: "sou assim pois fui educado de tal maneira" ou ainda "é tudo culpa do meu signo". Nesse sentido as pessoas buscam o

conformismo da culpabilização do mundo, de todos e de ninguém, onde não havia o que ser feito contra as determinações do meio para o “molde de sua personalidade” (PERDIGÃO, 1995).

Através da astrologia há a reafirmação da crença de valores externos que comandam a vida humana, tais afirmações podem variar para apontamentos da influência de planetas e seus movimentos, novamente retirando do homem a angústia de ser responsável pela vida que vive e pelo ser que se constrói.

### **Considerações Finais**

Inerente à existência humana há a angústia e na tentativa de lidar com ela muitos apelam a teorias, crenças e doutrinas que possam lhes dizer o que fazer, como viver e quem ser. As descrições astrológicas de personalidade configuram-se como um amparo na construção da identidade pessoal, bem como, em um esteio para dividir o fardo da liberdade e da responsabilidade pelo agir.

A prática da astrologia substitui na cultura atual muito do que fora a religião institucionalizada outrora, representando um norte na maneira como ser e agir no mundo e um artifício no qual é possível amparar-se para fugir à angústia da liberdade, optando por seguir no movimento de má-fé acreditando que o homem é o que está posto para si de acordo com as posições de corpos celestes. Há ainda na astrologia grande importância dada ao fatalismo.

Amiúde presente nas civilizações antigas, o fatalismo astrológico explicava acontecimentos auxiliando com que os novos pertencentes de cada povo pudessem compreendê-los e tolerá-los (ELIADE, 1992). “Assim, o mundo é o que é, e a vida, algo que podemos viver fatalmente. Isso tudo nos induz a um sentimento de precariedade, de brevidade, mais precisamente de tragicidade (MAFFESOLI, 2003 apud SANTOS, 2012, p.42). A partir do fatalismo a vida é explicada com um viés de predeterminação, da ideia de que não há escolha a se fazer, pois tendo um destino toda escolha é ilusória. Tais ideias de predefinição de escolhas do homem ou tendências de comportamento são reconfortantes por não provocarem questionamentos e levarem a humanidade apenas às generalizações (HILLMAN, 2001).

Assim se apresenta a astrologia como atitude de má-fé, um meio desenvolvido pela consciência na tentativa de fugir da angústia que acompanha sua liberdade ontológica pela responsabilidade diante de suas escolhas, uma liberdade da qual não se pode fugir. Há na prática da astrologia um exemplo da incansável busca da humanidade em fundar-se como um ser sólido e acabado, mascarando sua liberdade (PERDIGÃO, 1995). “Consideramos que todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, é um homem de má-fé (SARTRE, 1970, p.16)”. Destaca-se por fim, com suma importância, o caráter ontológico

dos movimentos de má-fé, sendo este um ato de defesa e continuidade da existência, não podendo ser colocado, no sentido sartriano do termo, como um defeito de comportamento.

## Referências

- ARROYO, Stephen. *Normas Práticas para a interpretação do Mapa astral: Uma obra de referência para pensar astrológicamente*. Rio de Janeiro: Pensamento 2 ed, 2011.
- BOSI, Alfredo. Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão na história literária. *Teresa*, n. 1, p. 9-47, 8 dez. 2000.
- CASTRO, Fabio Caprio Leite de. *Consequências morais do conceito de Má-Fé em Jean-Paul Sartre*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- CASTRO, Ana Cristina Vidal de. Astrologia e Narrativas do céu. *CoMtempo* v2, 2008
- COSTA, Maria Elisabeth de Andrade. Os Signos do Zodíaco como um sistema de Classificação. *Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares*, v. 4 n. 1, 2007.
- GONÇALVES JR, Arlindo F. A noção de Inautenticidade em Heidegger e Sartre. *Reflexão*, Campinas, 30(87), p. 31-41, jan./jun., 2005.
- GUERRIERO, Silas. Esoterismo e astrologia na Nova Era: do ocultismo à psicologização. *Reflexão*, Campinas, 41(2):211-224, jul./dez., 2016.
- HAWKING, Stephen. *Uma Breve História do Tempo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- HILLMAN, James. *O código do ser - uma busca do caráter e da vocação pessoal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MACHADO, Cristina de Amorim. *A falência dos modelos normativos de filosofia da ciência – a astrologia como um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. PUC Rio de Janeiro. 2006.
- MORIN, Edgar et al. *O retorno dos astrólogos: diagnóstico sociológico*. Lisboa: Moraes, 1972.
- MORIN, Edgar. Para além do Iluminismo. *FAMECOS*, Porto Alegre. nº 26, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- REZENDE, Vani Terezinha de. A noção de destino na astrologia e sua influência no pensamento ocidental: Notas inspiradas em uma leitura crítica de *The Stars Down to Earth* - T. W. Adorno. *Interações – cultura e comunidade*, Belo Horizonte, Brasil, V.9 N.16, P. 374-395, jul./dez.2014.
- SANTOS, Thácio Ferreira dos. *As dimensões imaginárias da astrologia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2012.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.
- \_\_\_\_\_. *O Ser e o Nada*. 24 ed., tradução de Paulo Perdigão. - Petrópolis, RJ :Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Questões de Método*. 1960. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. *Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Texto estabelecido e

anotado por Arlette Elkaïm-Sartre. Apresentação Gerd Bornheim. Rio de Janeiro: DP&A, 2002b. p. 13-15.

SILVA, Thatiane Maria da Conceição. Astrologia: dos fundamentos filosóficos. TCC, UNILAB, 2018.

SILVA, Maria de Lourdes. A intencionalidade da Consciência em Husserl. *Argumentos Revista de Filosofia*. Ano 1, N°.1 – 2009.

SIMÕES, Carlota; FERNANDES, João. Astrologia e Astronomia: Uma conversa entre as duas. *Millenium*, 2000.